

POSIÇÕES-SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DO LIVRO DE REPÓRTER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE “O NASCIMENTO DE JOICY”

Denise Nunes Fontana ¹
Reges Schwaab ²

Resumo

Este texto oferece uma análise sobre como posições-sujeito se articulam para a construção do livro de repórter a partir da leitura de “O Nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, da jornalista Fabiana Moraes. O dispositivo teórico-metodológico é oriundo da análise de discurso de linha francesa, com ancoragem em Pêcheux (1995), Orlandi (2012) e Benetti (2007). Concebeu-se o livro de repórter como um espaço que permite ao jornalista tecer comentários sobre a prática (MAROCCO, 2011, 2015; ZAMIN, 2011). Na análise, trabalhou-se com duas formações discursivas, (1) O jornalismo informa e (2) O jornalismo questiona, e sete posições-sujeitos ocupadas pela jornalista - PS1: Denunciante, PS2: Esclarecedora e PS3: Repórter - PS4: Semelhante, PS5: Teórica, PS6: Argumentadora e PS7: Reveladora. Observando as posições-sujeito na associação a uma formação discursiva, pensou-se aqui nos modos de conceituar a prática jornalística ofertados pela autora.

Palavras-chave

Jornalismo. Discurso. Posições-sujeito. Práticas Jornalísticas. Livro de repórter.

Abstract

The text offers an analysis of how subject-positions articulate for the construction of the book of reporter based on the reading of “O Nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem” (The Birth of Joicy: transsexuality, journalism, and the limits between reporter and character), by journalist Fabiana Moraes. The theoretical-methodological approach is based on the analysis of discourse of french line, as postulated by Pêcheux (1995), Orlandi (2012), and Benetti (2007). We take the reporter's book as a space that allows the journalist to comment on the practice (MAROCCO, 2011, 2015; ZAMIN, 2011). In the analysis, we considered two discursive formations, (1) Journalism Informs and (1) Journalism questions, and seven subject-positions occupied by the journalist - PS1: Whistleblower, PS2: Clarifying and PS3: Reporter - PS4: Similar, PS5: Theoretical, PS6: Argumentative and PS7: Revelator. Observing the subject-positions in association with a discursive formation, we present the ways of conceptualizing the journalistic practice offered by the author.

Keywords

Journalism. Discourse. Subject-position. Journalistic Practices. Books of reporters.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Jornalismo pela UFSM Campus Frederico Westphalen. Integra o *resto - laboratório de práticas jornalísticas* (CNPq/URSM). E-mail: denisnf55@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Pesquisador do *resto - laboratório de práticas jornalísticas* (CNPq/UFSM). E-mail: reges.ts@gmail.com.

Introdução

Ao conceber o discurso como materialidade da língua é possível ter essa materialidade como algo que organiza a sociedade em relações de força e poder hierarquizadas, em que determinados discursos e sujeitos têm, simbolicamente, mais autorização para falar a respeito de certo tema do que outros. Assim, é importante colocar o jornalista, e o discurso jornalístico, nesse jogo de relações e compreender qual a posição que ele ocupa e qual a importância do seu dizer, porque isso significa compreender os dizeres a partir de uma condição histórica, social, ideológica e em relação a outros dizeres.

Dessa forma, esta pesquisa buscou compreender o jornalismo a partir de seu discurso, mais especificamente, aquele presente no livro de repórter. Nessa perspectiva, considerou-se o jornalista como um sujeito assujeitado, interpelado pela ideologia e que, no processo discursivo, pode ocupar diferentes posições. Ademais, o livro de repórter (LR) é compreendido como um espaço que oferece interessantes possibilidades para se pensar modos de se fazer jornalismo, pois nele o sujeito jornalista tenderia a mostrar-se mais livremente. Para esta investigação foram consideradas as noções-conceito oferecidas pela Análise de Discurso (AD) de linha francesa, a partir do pensamento de Pêcheux (1995). Entende-se, neste estudo, o jornalista como aquele sujeito que vê, ouve, interpreta e traduz acontecimentos. Além de informar, ele faz parte da rede de produção de sentidos; ao mesmo tempo que diz sobre algo, constitui e transforma sentidos possíveis. Mediante as noções-conceito da AD foi possível fazer trabalhar a noção do jornalista como sujeito e analisar a materialidade jornalística discursivamente.

O livro “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, da jornalista Fabiana Moraes, foi a base empírica para a análise discursiva aqui apresentada. No conjunto de classificações disponíveis, o livro poderia ser tomado como livro-reportagem, no entanto, para esta pesquisa escolheu-se o conceito de livro de repórter. Esses dois enquadramentos não são opostos nem excludentes, mas sim complementares. O livro de repórter é entendido a partir de Marocco (2011), que o concebe como o espaço no qual é permitido ao jornalista exercer uma reflexão sobre o seu processo discursivo, sobre o fazer jornalístico e tudo que nele está implicado. Dessa forma, o livro de repórter é outra maneira de se fazer jornalismo, contar histórias, de se interpretar a sociedade. O livro de Fabiana Moraes narra a história de uma transexual que vive no município

de Alagoinha (PE) e passa por um processo de redesignação sexual. Nesse livro, a autora faz também uma reflexão sobre os limites entre a personagem e a repórter, contando como se deu essa relação durante o processo do fazer jornalístico e após a publicação da reportagem original no *Jornal do Commercio*, de Recife (PE). A última parte do livro é dedicada a uma reflexão teórica sobre o jornalismo, momento no qual Fabiana Moraes sugere o jornalismo de subjetividade.

Em sua experiência profissional como repórter, Fabiana Moraes busca refletir no que concerne à própria prática jornalística, propondo, teoricamente, um jornalismo de subjetividade, “termo nascido não para fazer uma oposição ao objetivo, mas sim uma como uma forma de demarcar a importância do subjetivo” (MORAES, 2019). De acordo com a autora, ao longo dos anos de trabalho, ela refletiu sobre como o jornalismo servia à naturalização de posições sociais estereotipadas - os lugares do negro, da mulher, da transexual e do nordestino, por exemplo. Essas observações levaram Fabiana Moraes a debater a sua prática e, depois, o fazer jornalístico como um todo.

Posto isso, entendendo que as diferentes posições-sujeito³ estão sempre associadas ao processo discursivo que permite um determinado dizer, a questão-problema que guiou a análise foi: como as possíveis posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam e afetam a construção do livro de repórter? A fim de respondê-la, um conjunto de procedimentos metodológicos foram adotados a partir do dispositivo teórico-metodológico da AD. O ponto de partida se deu mediante a pesquisa bibliográfica, leitura e discussão a respeito dos conceitos e das noções encontrados a fim de estabelecer a forma de trabalhar na pesquisa. A análise foi executada por meio do referencial teórico estudado e a partir da articulação entre as posições-sujeito e as formações-discursivas (FDs). Assim, foi possível identificar efeitos de sentido inscritos a partir de sequências discursivas exemplares, nas quais as marcas discursivas são destacadas em negrito. A partir da análise foram identificadas duas formações discursivas: *O jornalismo Informa e O jornalismo questiona - e sete posições-sujeitos ocupadas pela autora - PS1: Denunciante, PS2: Esclarecedora e PS3: Repórter - PS4: Semelhante, PS5: Teórica, PS6: Argumentadora e PS7: Reveladora*, então, concluindo-se que as posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam ao associarem-se à mesma formação discursiva e apresentarem, no discurso, diferentes modos de pensar e de praticar o jornalismo.

³ A articulação conceitual, ampliada adiante, considera que diferentes posições-sujeito podem estar abrigadas pela forma-sujeito, ou seja, pelo sujeito de saber em uma formação discursiva. A compreensão do lugar discursivo auxilia nessa tarefa, uma vez que permite sondar diferentes modos de relação com a forma-sujeito ideal e com as posições-sujeito que daí emergem.

Livro de repórter

Existe uma estrutura discursiva - cujas definições estão em elaboração - que é o livro de repórter (LR). Assim como outras formas de veiculação, o livro é um espaço que serve como meio de comunicação e para publicação de reportagens. Há, no mercado, diferentes LRs, com temas diversos e modos de escrita particulares de cada autor. É importante, nessa perspectiva, estabelecer noções que fazem de um livro escrito por um jornalista uma reportagem e caracterizam-no como algo pertencente à área jornalística. Para isso, é necessário compreender as noções que colocam o livro de repórter como um meio de veiculação jornalística, com suas características próprias e importantes para a compreensão do fazer jornalístico e dos processos de construção e escrita de uma reportagem. Ao entender o livro-reportagem como um formato diferente de publicação, Lima (2009, p. 26) o considera um “veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. O autor ainda argumenta que há dois grupos de livros, aquele que conta com reportagens primeiramente publicadas em um jornal; e outro grupo que, desde o início da apuração, tem seu desenvolvimento pensado para a publicação em formato livro. No que diz respeito às especificidades do livro-reportagem, Lima (2009) entende que o livro é dependente do mercado editorial, mas ainda assim pode ser considerado um meio de comunicação para o jornalismo, pois coloca em circulação reportagens. O autor ainda destaca que, quando publicada em formato de livro, a reportagem não precisa necessariamente cumprir as exigências de jornais comerciais. As condições são outras, por conseguinte, sendo possível observar nos livros uma característica específica, as marcas do repórter.

Ao detectar essas marcas, a presença explícita do jornalista em forma de comentários nos livros, o conceito livro de repórter serve aqui para pensar o livro de Fabiana Moraes. Importante destacar que os conceitos de livro-reportagem e livro de repórter não são excluídos nem opostos, mas entender o livro a partir da perspectiva de LR é lançar o olhar para os traços deixados pela autora e considerar a crítica das práticas que emerge desse espaço do livro.

Desse modo, o livro de repórter apresenta algo além da reportagem. O repórter está presente na escrita por meio de suas reflexões, opiniões e, também, como o narrador da história que conta, fazendo-se presente no momento da observação dos fatos e da escrita. O livro de repórter não procura apagar (ilusoriamente) o jornalista, havendo, nesse movimento, uma ruptura naquilo que socialmente é aceito como um texto jornalístico, que de

maneira ideal buscaria a objetividade e a neutralidade. Nessa lógica, Zamin (2011) afirma:

Em tais livros, os repórteres narram a construção da reportagem e, ao fazer isso, desvelam as práticas - quer de apuração, de observação ou de coleta de dados - e tecem comentários ao elaborarem formulações para além do que está cristalizado no âmbito do saber jornalístico. Deste modo, tomados como objetos de estudo, os “livros de repórter” suscitam questões que permitem problematizar o regime das práticas e complexificar a compreensão do próprio jornalismo. (ZAMIN, 2011, p. 394)

É possível compreender o livro de repórter como uma forma diferente de se fazer jornalismo, um novo formato, no qual a reflexão e a crítica sobre o fazer jornalístico fazem parte do próprio processo de construção e de escrita. Marocco (2011) assevera que o texto do livro de repórter se utiliza do jornalismo para dele criar outro texto, também jornalístico, que desvende “certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos, em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa do que é considerado jornalismo” (MAROCCO, 2011, p. 5).

Marocco (2011, p. 117) considera que os livros “apresentam o exercício do jornalismo de outro modo e que são importantes para a constituição de um saber das práticas jornalísticas. Isso não significa o enquadramento de todos os livros do gênero”. Ou seja, cada livro tem sua particularidade, seu modo de escrita e de ser, não sendo uma regra o modo pelo qual se constrói o livro de repórter, o importante é tomar o livro de repórter como outro meio de praticar o jornalismo que se diferencia de outros formatos, até mesmo do livro-reportagem. De acordo com Eichler e Fonseca (2019, p. 327), os livros-reportagem “exploram a reportagem em profundidade, mas não trazem necessariamente uma crítica do jornalismo”, o que aponta para o fato de que os livros de repórter expõem uma crítica e uma reflexão sobre o jornalismo e suas práticas.

Muitos são os manuais e teorias que ensinam como escrever uma notícia e reportagem, todos prezando pela utopia jornalística da neutralidade e objetividade. Porém é preciso compreender as práticas jornalísticas como um processo discursivo e, para isso. Marocco (2015, p. 75) explica que elas “são constituídas por um corpo de regras anônimas e históricas, determinadas no tempo e no espaço”. Nessa perspectiva, os dizeres jornalísticos são subjugados a tais regras e condições de produção, pois devem seguir o comportamento referente às práticas jornalísticas.

Nesse sentido é, no espaço do livro também, considera Marocco (2015), que se mate-

realizam as reflexões do jornalista. Segundo a autora, os jornalistas tendem a buscar outros lugares de narrar porque, dentro das redações, não há tempo nem espaço para tais reflexões. Conforme Marocco (2015, p. 82), “a diferença se dá em relação ao processo de produção, ao espaço e tempo jornalísticos e à elaboração das técnicas e dos procedimentos, que desnive- lam a consciência prática da consciência discursiva”, ou seja, mesmo que pretenda fazer a crítica ao jornalismo, o profissional não encontra, nas mídias tradicionais, espaço para isso.

No livro “O nascimento de Joicy” (2015), depois da publicação da reportagem que dá título à obra, a jornalista Fabiana Moraes desenvolve teoricamente o conceito de jornalismo de subjetividade, trazendo uma discussão sobre a importância de assumir essa posição sub- jetiva, não em oposição à objetividade, mas sim como um caminho para jornalismo mais hu- manizado. A repórter entende a subjetividade como um elemento que constitui o jornalista e reflete-se na escrita, como uma maneira de falar sobre a realidade. Assim, tenta romper com preceitos do jornalismo objetivo, pois busca mostrar o seu olhar pertinente aos temas, levando ao leitor informações, contudo, também, uma nova forma de refletir e pensar sobre as temáticas tantas vezes já expostas, sempre da mesma forma, pelos jornais.

A reportagem sobre Joicy foi primeiramente publicada no Jornal do Comercio para, depois, ser transportada para o formato de livro, caracterizado como livro de repórter. Nele a repórter volta à reportagem inicial tecendo uma nova leitura sobre aquilo que já está es- crito. Marocco (2015) considera o livro de repórter uma mídia jornalística na qual há espaço para comentário “sobre a prática jornalística que não tem lugar no jornalismo senão ali, onde os repórteres encontram tempo para proceder a uma análise epistemológica reflexiva” (MAROCCO, 2015, p. 84). Portanto, é nesse espaço que Fabiana Moraes, além de apresentar a reportagem, faz uma reflexão e critica diversos pontos do jornalismo que exercita.

O discurso jornalístico

O jornalismo é um tipo de discurso que possui seus processos próprios e singularida- des, ainda que ligados diretamente à realidade social e trabalhando em conjunto com outras áreas do conhecimento. É nessa lógica que Benetti (2007, p. 110) afirma que “o jornalismo é um modo de conhecimento: ele tanto produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo, quanto reproduz os conhecimentos gerados por outros atores”. Por conseguinte, o discurso jornalístico deve ser analisado observando tais particularidades⁴.

⁴ No seio de uma prática discursiva, sob efeito de um mesmo lugar social, o sujeito pode ocupar lugares discursivos diferentes, sob os quais pode assumir diferentes posições-sujeito. Logo, o jornalista pode, a partir desse lugar social, assumir o lugar discursivo de jornalista de política e ocupar-se/comprometer-se com o discurso sobre política, ou de jornalista de economia, ou de meio ambiente, por exemplo.

Quando uma notícia ou reportagem é publicada, independentemente do modo de veiculação, são produzidos diferentes sentidos, tanto em relação àquilo que se fala quanto sobre o próprio fazer jornalístico. Um dos principais sentidos observados no que tange ao jornalismo é o de neutralidade na informação. A ideia de neutralidade absoluta, ou de isenção, entretanto, é utópica. Isso porque o jornalista, como sujeito, deixa no texto o resultado da interpelação da ideologia, articulando e produzindo sentidos diversos dentro de uma rede de poder e saber. Por isso, pode-se ter o discurso jornalístico como um dizer produzido a partir de uma ou várias posições ocupadas e articuladas pelo sujeito.

A partir de tal proposta, Orlandi (1995) destaca que os sentidos produzidos acontecem a partir de uma posição-sujeito e que, ao dizer algo, ele - o sujeito - está, necessariamente, não dizendo outro. “Dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 1995, p. 55), ou seja, não importa qual seja o discurso, para dizer algo é necessário deixar de dizer também, tornando o silenciamento de determinados sentidos inevitável. A autora complementa: “há não ditos que representam um apagamento do sentido” (ORLANDI, 1989, p. 43). O que é dito produz sentidos diversos, mas também apaga sentidos a partir do que não foi dito.

Todavia o deixar de dizer algo, de determinada forma, nem sempre acontece de modo intencional, para se esconder alguma informação ou para criar determinado sentido específico, porém o simples fato de optar por um modo de dizer, exclui outro. Benetti e Jacks (2001) propõem que o texto jornalístico produz sentidos por meio daquilo que manifesta ou deixa de manifestar; e que, analisar esses sentidos, “significa ainda mapear as diversas vozes presentes no discurso, mas, também, as vozes que nele não têm lugar” (BENETTI; JACKS, 2001, p. 1), ou seja, a AD pode olhar para o discurso jornalístico com o escopo de identificar também as vozes silenciadas por ele.

Essa noção é necessária para compreender que todo e qualquer discurso é muito mais do que as palavras ditas ou escritas. Orlandi (2006) refere que, ao analisar o texto em seu funcionamento, é preciso “pensá-lo em relação às suas condições de produção, é ligá-lo a sua exterioridade”. Ou seja, é preciso olhar para a estrutura do texto, mas também para fora dele. A relação entre o sujeito e as condições de produção estão inscritas no texto, “a própria textualidade traz nela mesma sua historicidade, isto é, o modo como os sentidos se constituem, considerando a exterioridade inscrita nela e não fora dela” (ORLANDI 2006, p. 16). Isso significa que o próprio discurso apresenta elementos para que sejam compreendidas a exterioridade, o intradiscurso e demais noções que a AD permite que sejam analisadas, incluindo as possíveis posições-sujeito.

A história, as condições sociais e a ideologia, portanto, trabalham juntas para construir as circunstâncias daquilo que será discursivizado. Orlandi (2012) afirma que, para compreender como os efeitos de sentido do discurso são produzidos, é necessário compreender a Formação Discursiva (FD) e como as outras noções-conceito se relacionam com ela. É possível analisar o sujeito inscrito em determinado lugar social e discursivo, o que lhe permite falar a partir de uma formação ideológica e transitar por diferentes formações discursivas que irão indicar para ele o que pode ou não ser dito. O sujeito é interpelado pela ideologia e por sua posição imaginária perante os outros sujeitos para, então, poder dizer.

Dessa forma, o jornalista se encontra em uma situação social, histórica e ideológica e é a partir disso que produz o discurso. A FD é o que determina - por meio dessas condições e, ainda, quanto à formação ideológica à qual se associa - o que pode ou não ser dito e como dizer. Importante lembrar que as FDs não são blocos fechados, com regras explícitas de como produzir um discurso, mas sim regularidades que funcionam no processo discursivo. Ao analisar discursivamente o texto jornalístico, não se busca destacar as normas que fazem dele uma notícia ou reportagem, por exemplo, porém identificar os possíveis sentidos; e, para isso, observa-se também a formação discursiva, porque é justamente mediante esta que eles são produzidos.

Uma mesma FD é constituída por diferentes posições-sujeito que se aproximam, visto que estão filiados a uma mesma formação ideológica e discursiva, mas afastam-se porque produzem seus dizeres a partir de um lugar social e histórico diferente. Ao aproximar essa noção da prática jornalística é possível identificar esses sujeitos, que falam alicerçados em uma mesma perspectiva ideológica, porém produzem sentidos diferentes em seus discursos, pois, segundo Orlandi (2007), é na FD que o “sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro.” Ou seja, o sentido atribuído a um dizer se dá em relação aos outros sentidos possíveis dentro e fora da FD em questão, pois algo produz um sentido ao mesmo tempo que não produz o outro - que pode ser produzido em outra FD.

O jornalismo é o campo que fala sobre outros campos e áreas do conhecimento. As notícias e reportagens narram um acontecimento do passado, buscando o sentido no presente. Dessa forma é possível observar, no discurso jornalístico, sentidos inscritos que remetem a outras áreas do conhecimento - como política, saúde, economia, etc. Por esse ângulo, Schwaab (2007, p. 20) comenta que “é possível pensar no discurso jornalístico como um discurso sobre” e destaca a leitura e a interpretação como dois aspectos importantes no

processo discursivo. Ele complementa referindo que “o discurso sobre remete às escolhas feitas pelos jornalistas e suas fontes na construção dos sentidos que buscam ofertar”. Ou seja, tanto jornalista quanto fontes escolhem como dizer algo sobre determinado assunto e, com isso, tentam construir os sentidos que esperam, lembrando que o controle em relação aos efeitos de sentido é ilusório.

As escolhas realizadas pelo sujeito acontecem na ordem do inconsciente e são determinadas a partir de sua filiação a uma FD. A identificação de uma (ou mais) FD no texto jornalístico ocorre pela observação de marcas discursivas semelhantes que mostram que o sujeito optou, mais de uma vez, em utilizar determinada marca e não outra. Por exemplo, em um discurso sobre a demarcação de terras indígenas, pode escolher dizer que os indígenas invadiram ou ocuparam tais terras, e quem determinada qual das duas usar é a associação à FD; e o efeito de sentido de cada uma das palavras pode indicar a formação ideológica. O discurso é construído na relação da(s) FD(s) e da(s) posições-sujeito que, no caso de uma reportagem, o jornalista vir a ocupar. O entrelaçamento dessas noções e a articulação entre elas se dá ao decorrer do processo discursivo. Tal perspectiva, pensada em alguma aliança com Michael Foucault, por exemplo, leva ao gesto fazer desaparecer e reaparecer a contradição no discurso. Ou, como observa Gregolin (2007), de pensar o jogo entre singularidade e repetição, na articulação entre o gesto do dizer, a materialidade e a memória. Voltando à herança pecheutiana, não se trata mais de um complexo de FDs com uma em posição de dominância em relação às demais, portanto, mas de uma FD heterogênea em relação a si própria, com fronteiras porosas onde há espaço para o diferente e o contraditório, para diferentes efeitos de sentido.

As posições sujeitos no discurso jornalístico

Ao compreender o jornalista como sujeito discursivo, interpelado pela ideologia, constituído a partir de sua historicidade e realidade social, aceita-se a sua subjetividade psicanalítica. Entende-se a importância em considerar as condições de produção no momento da análise do discurso jornalístico, e, nesse caso, elas dizem respeito, entre outras coisas, àquilo que socialmente se espera do trabalho de um jornalista. O seu papel social também o condiciona a produzir o discurso de certo modo, e não de outro. É a partir das condições de produção que o jornalista desenvolve o jogo das formações imaginárias (FI), determinando, assim, a posição que ocupa no discurso.

Segundo Pêcheux (1995), as Fls são um processo anterior ao discurso e uma projeção que o sujeito faz de si e do outro em relação ao lugar social que ambos estão. Ele afirma que essas projeções são determinadas pela formação social, o que determina o poder que se tem em falar sobre determinado tema, de tal maneira e para determinada pessoa. Grigoletto (2007, p. 4) explica que “a imagem de um jornalista, por exemplo, já está determinada pelo lugar empírico a ele atribuído por uma determinada formação social”.

Portanto, entende-se que, ao produzir um discurso, o jornalista já se encontra em uma formação social que determina seu lugar em relação ao interlocutor. É por meio das Fls também que o profissional determina sua posição no discurso. Orlandi (2012) explica que as posições-sujeito surgem justamente por meio das formações imaginárias - formações essas que designam o lugar que o sujeito e o destinatário se atribuem mutuamente, assim, faz-se importante pensar o jornalismo e as formações imaginárias que podem surgir durante a produção do discurso jornalístico.

O jornalista que enuncia tem uma imagem sobre si, seu papel e sua identidade. Essa imagem está alicerçada tanto em ideais como verdade e credibilidade quanto na consciência (às vezes nem tão consciente assim, pois internalizada) sobre as condições de produção do discurso. O jornalista também tem uma imagem sobre seu leitor. (BENETTI, 2008, p. 19)

Isto é, o jornalista cria uma imagem em relação a si, considerando as condições de produção específicas ao fazer jornalístico, como, por exemplo, compromisso com a objetividade e verdade, mas também tem uma imagem sobre o seu leitor, dessa forma, criando o leitor virtual (ORLANDI, 2012). Essa imagem sobre o leitor virtual é constituída a partir do contexto histórico e social, pois é com base da imagem que faz para si que o sujeito que diz algo vai imaginar o outro. A imagem do leitor muitas vezes ocorre de modo consciente, quando, antes de produzir um discurso, o sujeito realmente se pergunta: para quem estou dizendo isso?; ou: para quem quero dizer disso? É quando o jornalista possui imagens fixas sobre quem vai ler o que é dito que se criam discursos repetitivos, discursos que reafirmam não ditos, deixando sempre escapar outros modos de se colocar no discurso, bem como outros modos de dizer sobre determinados assuntos e outros sujeitos. Isso porque, ao ter como certo o leitor-alvo, o jornalista pode deduzir que já sabe o que o leitor deseja receber. A posição que o jornalista toma para si e para o outro articula-se em uma formação discursiva determinada, e é a partir dessa relação que os efeitos de sentido são produzidos.

As posições-sujeito do livro de repórter

Além da compreensão teórica das noções-conceito fundamentais para a análise discursiva de um texto, a AD fornece procedimentos para a realização da análise. Seguindo esses preceitos, o primeiro passo foi a leitura flutuante do livro de repórter “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, e, mediante essa leitura, foram selecionadas 175 sequências discursivas (SD) e destacadas marcas discursivas. Inicialmente, elas foram agrupadas em quatro núcleos de sentidos (como forma de identificar nelas marcas discursivas semelhantes), numeradas e identificadas com siglas⁵ que referenciam a localização no livro.

As SDs são, primeiramente, organizadas em núcleos de sentidos para, então, chegar às formações discursivas. Benetti (2007, p. 112) explica que “no mapeamento dos sentidos, é preciso limitar o campo de interpretação aos ‘sentidos nucleares’, isto é, a reunião em torno de uma FD, de diversos pequenos significados que constroem e consolidam aquele sentido nuclear”. Portanto, após a identificação dos núcleos de sentidos, foi possível identificar e nomear duas FDs - FD1: O jornalismo informa e FD2: O jornalismo questiona - presentes no livro.

Ao considerar a forma-sujeito o sujeito universal de uma FD, como explica Ferreira (2005), o modo pelo qual o sujeito discursivo se identifica com a FD, dando-lhe a ilusão de unicidade, foi identificada uma forma-sujeito para cada FD. É importante destacar que, no discurso, não existe um único sujeito, mas, como refere Orlandi (2012), várias posições-sujeito que surgem a partir da relação entre os diversos sujeitos discursivos e as formações discursivas e imaginárias. Pacheco (2019, p. 123) lembra que as “posições-sujeitos podem estar em consonância ou dissonância ao saber estabelecido pela forma-sujeito”, ou seja, as PS identificadas em cada FD se relacionam na construção do dizer, mas não significa que estão sempre de acordo com aquilo a forma-sujeito diz.

Portanto, o passo seguinte foi determinar a forma-sujeito para cada FD e a partir dela identificar as posições-sujeito, definidas a partir da variação de efeitos de sentidos produzidos. Sete posições-sujeito foram identificadas, sendo três associadas à FD1 e outras quatro filiadas à FD2, como exemplificado a seguir.

⁵ Quatro siglas foram utilizadas: DT marcam as sequências retiradas da introdução, RJC para as sequências retiradas da primeira parte do livro, AD para as identificadas na segunda parte e SEP identificam a terceira parte. O número após a sigla indica a página.

FD 1: O jornalismo informa

A primeira FD identificada como *O jornalismo informa* apresenta, por meio de sessenta e seis sequências discursivas, um sentido básico e comum relacionado ao jornalismo, o da informação. No livro analisado são as sequências discursivas nas quais informações sobre os temas tratados (transexualidade, saúde pública, jornalismo) são trazidas. As posições-sujeito relacionadas a essa FD são três: *PS1: Denunciante*, *PS2: Esclarecedora* e *PS3: Repórter* e elas surgem a partir da seguinte forma-sujeito: “*O jornalista deve informar de forma clara e objetiva*”. A filiação a essa FD se dá por meio de marcas discursivas que produzam o efeito de sentido informativo.

A posição-sujeito-denunciante é observada em trinta e duas SDs. Elas produzem o sentido de denúncia ao revelar, para o leitor, problemas e erros encontrados durante esse processo, não apenas em relação à Joicy, mas também situações que acometem muitos cidadãos brasileiros. Dessa forma, há a noção de “trazer à tona” uma realidade vivenciada, como se observa nas sequências discursivas apresentadas a seguir.

SD19: “‘Bom dia! Senhor João Batista? Como vai? Senhor é hipertenso?’ Joicy, talvez cansada de passar a vida corrigindo o errôneo tratamento masculino, talvez tímida pela imposição do jaleco, só respondo que não. A especialista avisa que ‘ele’ vai apenas almoçar naquele dia e que depois ‘ele’ vai entrar na dieta própria do pré-operatório. Que ‘ele’ vai tomar, várias vezes, um medicamento próprio para limpeza do intestino.” (RJC52)

A repetição do pronome masculino reproduz, de forma cansativa, o esgotamento de Joicy em ter de corrigir as pessoas, especialmente aquelas que já deveriam saber como a tratar. Ao filiar-se à FD1, a posição-sujeito em questão traz as vezes que o sistema falhou com Joicy ao não a compreender em sua plenitude. A escolha por transcrever de forma direta as falas dos profissionais evidencia um preconceito com a transexual. A fala direta pode significar a necessidade de mostrar que não há equívoco de interpretação por parte da jornalista, que o que foi dito está escrito no texto.

O conjunto de sequências discursivas relacionadas à posição-sujeito-esclarecedora soma o total de vinte e duas e são aquelas em que uma prestação de serviço é realizada. A filiação à FD1 se dá por meio de informações úteis ao público leitor, traçada também pela articulação com as FIs. Inicialmente, foi entendida como a PS que mais se aproximava da forma-sujeito, pois as sequências relacionadas a ela se apresentam como informações de forma bastante objetiva e direta: SD8: “**Sem saber o que fazer**, voltou para casa. Dias de-

pois, **descobriu o número 0 800 61 1997. Ministério da saúde.** Ligou. “Fiquei quase 1 hora no telefone com a moça”, lembra Joicy. (RJC40)

As doze sequências discursivas associadas a essa PS3: Repórter, apresentam marcas discursivas nas quais a repórter se mostra durante o processo de acompanhamento e construção da reportagem, explicando também práticas jornalísticas. Uma marca que, de acordo com Marocco (2015), é permitida no livro de repórter.

SD84: “Ele não viu nenhum problema em meu acompanhamento e foi simpático em todos os nossos (poucos) encontros. **No entanto**, uma pergunta sua em nossa segunda conversa **me surpreendeu**:

- Por que você escolheu logo Joicy? Há outras transexuais aí com aparência mais feminina, **seria bem melhor**.
- **Mas Joicy não é mulher?** Não é a próxima a ser operada pelo senhor?
- **Sim, mas é uma paciente difícil, não tem as características mais femininas, é um pouco embrutecida, ignorante.**” (AD95)⁶

Assim como na PS1, também é informado o preconceito enfrentado por Joicy, mas, ao notar-se a presença da jornalista, o sentido produzido é outro. Ao transcrever o diálogo que teve com o cirurgião e a discriminação por parte dele, há o sentido de que esse preconceito é bastante estrutural e destemido, uma vez que ele não tem medo de se revelar diretamente para a repórter.

O jornalismo questiona

Já a FD2 identificada como *O jornalismo questiona*, deu-se por meio da observação de marcas discursivas nas quais havia o sentido de questionamento e reflexão. Foram encontradas 109 sequências discursivas que, a partir de quatro PS, produzem o efeito de sentido de questionamento. Importante lembrar que, no trabalho com AD, não há o objetivo de determinar a intenção do texto, porém, como diz Benetti (2007, p.109), “a AD está preocupada com esse movimento de instauração de sentidos, que exige compreender os modos de funcionamento de um discurso”. Portanto, não foi objetivo desta pesquisa afirmar que Fabiana Moraes tinha a intenção de questionar ou fazer questionar, mas sim compreender de que modo o discurso produz tal efeito de sentido. Para isso, foi reconhecida a forma-sujeito filiada à FD2 como: *O jornalista questiona o senso comum*, e identificadas quatro posições-sujeito. A PS4: *Semelhante*, produz o sentido de que as pessoas têm mais a dizer e mostrar

⁶ A sigla AD indica as sequências retiradas da segunda parte do livro.

do que apenas suas dores, questionando o porquê, elas não podem falar e representar outros temas também, efeito de sentido identificado a partir de trinta e três sequências discursivas. As sequências discursivas a seguir mostram Joicy além da transexualidade, ou seja, sofrendo e sentido o mesmo que qualquer outra pessoa.

SD95: “A maioria dessas canções, muitas delas dos anos 80, circulava pelo romântico, o encontro, o *can't live without you*: enquanto tocavam, Joicy claramente escapava do mundo do comum para visitar outra realidade. Nesta, estava Dorneles, oficialmente seu amor, oficialmente aquele de quem ela esperava afeto, oficialmente o possível provedor de dias mais felizes.” (AD100)

A PS5: *Teórica*, possui vinte e duas SD relacionadas que movem o questionamento realizado pela PS4 - sobre algo exterior - e volta-o para a realidade jornalística, tensionando aquilo que o jornalismo tem como teoria e prática. O sentido de incerteza em relação às teorias do jornalismo acontece quando ela é comparada com o fazer jornalístico, evidenciando que nem tudo está nos livros e manuais.

SD162: “Dizer isso não é negar nossa própria constituição, nosso histórico de socialização, aquilo que nos torna seres distintos uns dos outros; É, antes, entender nossas limitações para chegar à conclusão de que tal “neutralidade” está tantas e tantas vezes permeada exatamente por esse nosso histórico, ou seja, nunca é neutra em si.” (SEP199)

Os efeitos produzidos a partir da PS5 dizem respeito ao jornalismo de modo geral. Entretanto, com eles, na FD2, existem os efeitos de sentido no tocante ao papel da jornalista, percebidos a partir da articulação do discurso produzido pela PS6 *Argumentadora*.

Essa posição-sujeito utiliza o papel da jornalista para argumentar sobre os questionamentos também produzidos pela PS5. O principal sentido observado é “eu vivi, por isso eu questiono”, de modo que o principal questionamento que surge é: “qual o papel da jornalista?”. A PS6 relaciona-se à FD2 por meio de trinta e cinco SDs.

SD62: **No meu caso, como poderia**, pensando na questão de dar ou não dinheiro a Joicy, **deixá-la com apenas alguns trocados** no bolso quando, **após dois dias acompanhando**, que eu voltava para a casa e ela permanecia igual recém-operada, sozinha e sem condições de trabalhar?” (DT22)

Aqui existe uma interrogação ao leitor, no entanto, ao fazer uso da expressão “como

poderia”, há a tentativa de convencer que não tinha como agir de outro modo, não tinha opção, a não ser ajudar Joicy. Pode-se notar que, com isso, a PS6, usa a pergunta para tentar controlar o sentido e, ao mesmo tempo que questiona a teoria que diz que deve haver o distanciamento entre a profissional e a fonte, ainda, mostra que agiu como deveria agir.

Já a última posição-sujeito identificada foi a PS7: Reveladora. Essa posição-sujeito produz o discurso que expõe emoções, sentimentos e angústias, tanto sobre a prática jornalística quanto no que diz respeito à relação entre jornalista e personagem. A PS7 foi identificada em dezenove SDs que, ao revelar algo em relação ao que a jornalista pensa, filia-se à FD2 e torna o jornalismo um lugar para questionar a si, o outro e a relação entre os dois.

SD101: “Fiquei **nervosa** quando Joicy concordou em me levar até a casa das irmãs - sabia que, provavelmente, **algum conflito seria gerado com a sua presença**, ou melhor, com a **nossa**.” (AD103)

A partir da análise das duas formações discursivas identificadas no livro de repórter “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, foi possível pensar sobre a articulação entre as posições-sujeito e como elas funcionam na construção do discurso de um livro de repórter.

Considerações finais

Observar de que forma o processo de construção do discurso ocorre faz com que o jornalista compreenda a si como um sujeito discursivo interpelado pela ideologia e permeado pela subjetividade de ordem psíquica. Acredita-se que a compreensão mediante a análise do discurso pode fornecer a esse profissional mais ferramentas para o desenvolvimento de um jornalismo mais cuidadoso no tocante ao modo como se narra o mundo. Admitindo-se as falhas e a opacidade da língua, pode-se renunciar à falsa ideia de controle dos significados, aceitando assim a responsabilidade sobre os sentidos produzidos a partir do discurso. Desse modo, para conseguir alcançar os objetivos da pesquisa foi necessário entender as noções-conceito da AD e ser capaz de relacioná-las com o discurso jornalístico.

Ao ocupar as diferentes posições-sujeito - apresentadas no capítulo da análise - a jornalista articula sentidos diversos para construir o livro de repórter. Esse processo se inicia antes do texto ser escrito, pois desde o momento de apuração dos fatos e, no caso do livro analisado, desde o início do acompanhamento de Joicy, Fabiana Moraes já tinha pensamentos sobre o que dizer e como dizer - o que se refere ao planejamento da pauta - direcio-

nando seu olhar durante o processo de produção. Portanto, entende-se que o processo de escrita começa antes mesmo da ação de escrever. Como sujeito, a jornalista é interpelada pela ideologia; e, associada a duas FDs (no caso desta pesquisa), ela produz seu discurso. Fabiana Moraes expressa as posições-sujeito ocupadas por ela mediante marcas discursivas e impressões que significavam, mas, também, ressignificavam um dizer anterior. Respondendo diretamente à questão-problema, pode-se inferir que as posições-sujeito ocupadas pela autora se articulam ao associarem-se à mesma formação discursiva e apresentarem no discurso diferentes modos de pensar e de praticar o jornalismo.

Ao filiar-se discursivamente a duas FD é possível observar que Fabiana Moraes utiliza cada PS como estratégias para trabalhar a subjetividade que defende. Cada PS produz efeitos de sentido diferentes, inclusive, quando narram a mesma história ou falam do mesmo tema. Essa interação é possível observar entre as PS1 e PS3, que filiadas à FD1, informam idênticas realidades e situações, porém, diversamente, acabam por significar de modos distintos. É essa significação e ressignificação que constrói o discurso. A motivação para dizer de cada PS é o que as diferencia também, pois a PS7 revela os sentimentos da jornalista, produzindo sentido de questionar as teorias jornalísticas que afirmam que a isenção tem de ser objetivo do jornalista e sugere, ao fazer isso, que a repórter também possui um histórico social. Enquanto a PS4 ressignifica os sentimentos e pensamentos da repórter ao questionar, não o jornalismo, mas a sociedade, pois é, ao sentir-se próxima de Joicy, que Fabiana Moraes vê nela semelhanças e mostra-as no discurso a fim de questionar preconceitos e acabar com a invisibilidade.

Há, no livro analisado, um sentido geral que revela que, o jornalista enquanto sujeito interpelado pela ideologia e sem a qual não consegue produzir o discurso, a subjetividade é necessária e impossível de ser deixada de lado. Para Fabiana Moraes, a subjetividade está relacionada à tomada de decisões, às escolhas que são feitas durante o processo de produção de reportagem.

Entender o assujeitamento e que, como sujeitos, o jornalista está filiado a certos dizeres e ideologias, faz admitir que as ideias de neutralidade e isenção são utópicas; e, a partir disso, permite-se atentar para essas questões durante o processo. Não se busca, todavia, a solução para todos os problemas referentes ao jornalismo e seus dizeres, pois se entende que não há controle sobre a linguagem, mas aceita-se um modo mais profundo de ler e produzir os discursos que a ele pertencem. Em vista disso, mediante essa análise, surgem outros questionamentos como: “de que modo o discurso sobre o jornalismo é produ-

zido pela sociedade?” ou “qual o discurso que o jornalismo produz sobre ele mesmo para a sociedade?”.

O movimento de sair do senso comum para chegar a um senso e a um dever crítico deve ser estimulado em todas as esferas da prática jornalística. Se, ao mesmo tempo que diz sobre a realidade social, também a compõem, as transformações no modo de dizer do jornalismo podem operar em outros horizontes além da sua esfera mais imediata e contribuir para outras percepções acerca da realidade, portanto. E compreender os processos discursivos permite pressioná-los de novos modos, ressignificar o fazer e o dizer. No caso do jornalismo, a busca por formas mais horizontais significa trazer para junto de si os dizeres dos sujeitos que, usualmente, tentava-se deixar de fora. É um movimento de permitir respostas mais adequadas ao convite inevitável do tempo que é compartilhado, do que é produzido no encontro com o outro.

Referências

- BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia, n. 15, p. 13-28, 2008.
- BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Brasília: Compós, 2001.
- EICHLER, Vivian Augustin; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. A crítica das práticas em O nascimento de Joicy: o jornalismo como vocação no livro de repórter. In: MAROCCO, B.; ZAMIN, A.; SILVA, M. (Orgs.). **Livro de repórter: autoridade e crítica das práticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019. p. 321-345.
- FERREIRA, Maria C. L. (coord.). **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Gregolin. **Foucault e Pechêux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. 3 ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.
- GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: FERREIRA, A. (Org.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 1-11.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Edições 4, 2009.
- MAROCCO, Beatriz. Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística. *Galáxia*, n. 30, p. 73-85, 2015.

MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. *Revista Contracampo*, n. 22, p. 116-129, 2011.

MORAES, Fabiana. Para que serve um jornalismo de subjetividade? In: MAROCCO, B.; ZAMIN, A.; SILVA, M. (Orgs.). **Livro de repórter: autoralidade e crítica das práticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019. p. 413-434.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. **Com Ciência-Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296&tipo=1> a. Acesso em: 12 abr. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-31.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio e implícito (Produzindo a Monofonia). In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 39-46.

PACHECO, Roni Petterson de Miranda et al. **A discursivização do indígena nos jornais impressos da Amazônia legal**. 2019. 224 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

SCHWAAB, Reges. Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso. **Em Questão**, v. 13, n. 1, p. 11-23, 2007.

ZAMIN, Angela. “Livros de repórter”, saberes de entremeio: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 8, n. 2, p. 389-405, 2011.